

RICHARD FORD



FRANCAMENTE, FRANK

Finalista do Prémio Pulitzer 2015

RICHARD FORD

FRANCAMENTE,
FRANK

Um livro de Frank Bascombe

Tradução de Artur Lopes Cardoso

Francamente, Frank

Richard Ford

Publicado em Portugal por:

Porto Editora

Divisão Editorial Literária – Lisboa

Email: dellisboa@portoeditora.pt

Título original:

Let Me Be Frank With You

© 2014, Richard Ford

Design da capa: David Mann

Imagem da capa: © James Nesterwitz/Alamy/Fotobanco

1.ª edição: abril de 2016

Reservados todos os direitos. Esta publicação não pode ser reproduzida, nem transmitida, no todo ou em parte, por qualquer processo eletrónico, mecânico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização escrita da Editora.



Rua da Restauração, 365
4099-023 Porto
Portugal

www.portoeditora.pt

Execução gráfica **Bloco Gráfico, Lda.**
Unidade Industrial da Maia.

DEP. LEGAL 406441/16
ISBN 978-972-0-04804-2

**Este livro respeita
as regras do Acordo Ortográfico
da Língua Portuguesa.**



A cópia ilegal viola os direitos dos autores.
Os prejudicados somos todos nós.

Kristina

Índice

Estou aqui.....	9
Tudo podia ser pior.....	55
A nova norma.....	93
Mortes de outros.....	139
<i>Agradecimentos</i>	187

Estou aqui

Fragrâncias estranhas flutuam, esta manhã, no ar agitado e invernos de The Shore, duas semanas antes do Natal. Coroas floridas, numa ominosa agitação marítima, avivam a expectativa nos imprudentes.

Trata-se, é claro, do aroma das reparações e restaurações de casas, em grande escala. Madeira acabada de cortar, PVC branco, o cheiro a lixívia dos produtos *Sakrete*, vedantes que causam ardor, doce papel alcatroado e álcool desnaturado. O travo feculento das telas Tyvek misturado com a trama sulfurosa do oceano e o mau cheiro do interior de Barnegat Bay. É o ar da catástrofe total. Para o meu nariz – experiente nestas coisas –, nada tem um aroma tão intenso a ruína como as primeiras tentativas de salvamento.

Reparo nele pela primeira vez ao sinal vermelho da Hooper Ave., e depois de novo quando vou abastecer o meu *Sonata* na Hess, antes de me dirigir para a ponte, de Toms River para Sea-Clift. Aqui, no meio dos ricos aromas da bomba de gasolina, uma brisa invernos faz-me esvoaçar o cabelo enquanto os meus dólares se desbobinam como numa *slot machine* sob as nuvens de dezembro que estão a acumular-se. A brisa pôs a rodar os piões prateados no recém-inaugurado Bed Bath & Beyond, no Ocean County Mall («Só a roupa de cama nova pode manter-nos deitados»). Do outro lado do enorme parque de estacionamento, a um décimo da sua capacidade às dez da manhã, o Home Depot – parecido com o Kremlin, mas enigmáticamente ainda o vosso amigo, apesar de tudo – abriu as portas de par em par, cedo. Os clientes saem lentamente, tentando equilibrar caixas

com loiças novas de quarto de banho, placas-mãe novas, cablagens novas, conjuntos de dobradiças termoembalados, portas de alma alveolada, um alpendre fronteiro completo a baloiçar num carrinho de compras gigantesco. Está tudo a caminho de uma qualquer casa que ainda se mantém de pé mas sofreu danos causados pelo furacão – já passaram seis semanas, mas não se varreu da memória. Continuam todos aturdidos – irascíveis, assustados, explorados mas decididos. Estão todos empenhados em «regressar».

Alguém canalizou para aqui, para debaixo do toldo da Hess, os comentários desportivos radiofónicos para deleite nosso, dos clientes: o *Pat 'n' Mike Show*, da Magic 107, em Trenton. Outrora, fui um dos seus fiéis, mas agora estão velhos. Uma voz de estentor – é Mike – declara: «Caramba, Patrick. O treinador Benziwicki libertou um verdadeiro chorrilho de asneiras que caíram que nem bombas, digo-te eu. Uns verdadeiros trinta segundos sobre Tóquio.»

«Vamos ouvir de novo», afirma Pat, através de um altifalante instalado nas profundezas da bomba de gasolina. «Descrença total. *To-tal*. Isto passou na ESPN!»

Outra voz rouca e cansada, gravada – a do Treinador B –, interrompe-o: «Muito bem. Deixem-me dizer uma coisinha a estes BARDAMERDAS que se autodenominam jornalistas desportivos. Pode ser? Quando *vocês* forem capazes de treinar uma equipa de raparigas de nove anos que frequentam a escola primária, então eu talvez possa, *possa* mostrar um grãozinho de respeito por vocês. Até lá, podem ir os dois à MERDA, desde hoje até ao jantar de domingo, e que se FODAM. E ouviram isto aqui em primeira mão.»

O jovem empregado da Hess, de olhar vago e vestido de branco, que está a abastecer o meu carro não ouve nada. Olha-me como se não estivesse ali.

«Acho que está praticamente tudo dito», reconhece Mike.

«E *ainda* é pouco», concorda Pat. «Pouse as chaves na secretária, treinador. Está feito. Meta-se na MERDA do *autocarro* e volte para Chillicothe.»

«In-a-cre-di-tá-vel.»

«Vamos fazer um intervalo, ó BARDAMERDAS.»

«Eu? Tu é que és um BARDAMERDAS. Ah-ah-ah. Ah-ah-ah.»

Nestas últimas semanas, comecei a compilar um inventário pessoal de palavras que, segundo o meu ponto de vista, já não deveriam poder ser utilizadas – tanto faladas como de *qualquer outra* forma. Isto na crença de que a vida é uma questão de subtração gradual, tendo em vista uma essência mais sólida, mais quase-perfeita, após a qual toda a atividade mental desaparece e partimos para os nossos Chicicotes virtuais. Uma reserva de menos e melhores palavras poderia ajudar, penso, ao estabelecer um exemplo para um pensamento mais claro. Não é muito diferente de ir viver para Praga e não aprender a língua, de modo que o inglês que acaba por falar para ser compreendido tem a responsabilidade acrescida de ser claro, simples e gerador de valor. Seja como for, quando envelhecemos, como é o meu caso, vivemos em grande medida no meio do que acumulámos na vida e não é que aconteça muita coisa, excetuando na frente médica. É melhor despojarmo-nos das coisas. E que lugar poderá haver, para começar, que seja melhor do que as *palavras* que escolhemos para expressar os nossos pensamentos, cada vez mais raros, cada vez mais extravagantes? Seria problemático, por exemplo, para alguém cuja língua natal é o checo compreender plenamente as expressões *que seca* ou *fogo!* Ou, já que se fala nisso, *brutal* quando apenas quer dizer «fantástico». Ou *temporão* ou *pupilo* ou *legado*. Ou *na boa* quando na verdade se quer dizer «Não tem de quê». E, já agora, *aterragem suave*, *manos*, *obrigação*, *hidratar* (quando apenas significa «beber»), *fazer música*, *ação*, *estender*, *coçar* quando é usado como substantivo, e... a propósito da Magic Um-Zero-Sete: chorrilho de asneiras. Para mim, merda e bardamerda são ainda muito úteis, com colorações nítidas e diferentes aplicadas à sua história, já de si rica. A língua imita o motim popular, disse o poeta. E a que se *assemelha* a vida de hoje, se não a um motim?

Ontem, pouco depois das oito, uma chamada telefónica inesperada estragou-me a manhã. A minha mulher, Sally, atendeu mas fez-me sair da cama para falar. Mantivera-me deitado, envolto pelos primeiros raios de sol e as sombras, a divagar sobre a possibilidade

de, algures, de alguma forma, estar a acontecer uma coisa boa que em breve me afetaria e deixaria feliz, só que eu ainda não o sabia. Desde que deixei o ramo imobiliário (ao fim de décadas), este tipo de expectativa é aquilo de que mais falta sinto, mas é a única coisa, considerando o rumo do mercado imobiliário e tudo o que me aconteceu. Estou satisfeito aqui em Haddam, aos sessenta e oito anos, a gozar o Nível Seguinte da vida – presumivelmente o último: membro da demografia da «mesa limpa», livre para fazer o bem neste mundo, caso decidisse fazê-lo. Nesse espírito, desloco-me uma vez por mês ao Aeroporto Internacional de Newark, com um grupo de veteranos, para acolher os soldados fatigados e confusos que regressam a casa, vindos do Afeganistão e do Iraque. Na verdade, não considero isso um «compromisso» ou uma verdadeira «restituição», uma vez que dificilmente poderá considerar-se um incómodo estar ali de pé, sorrindo, de mão estendida, dizendo em voz alta: «Bem-vindo a casa, soldado (ou marinheiro, ou aviador)! Obrigado pela sua comissão de serviço!» É mais dar nas vistas do que um gesto de seriedade e destina-se, principalmente, a mostrar que ainda *somos* relevantes e, por conseguinte, prova garantidamente que não *somos*. De qualquer modo, os meus sensores pessoais estão alerta para outras coisas positivas a que poderei dedicar o tempo que me resta – conhecido também como *reforma*.

– Frank? Fala o Arnie Urquhart. – Uma voz áspera, de homem, demasiado alta, crepitava no telefone através de ruídos distantes de tráfego automóvel sobre vigas. Algures em segundo plano havia música – Peter, Paul & Mary a cantar *Lemon Tree*, vindos do longínquo 65. «*Le-mun tree, ve-ry pritty / and the lemun flower is sweet...*» Ali de pé, de pijama, a olhar pela janela da frente enquanto o encarregado da leitura do contador da Elizabethtown Water subia o caminho de acesso a casa para verificar o nosso consumo, a minha mente recuou no tempo até ao rosto da ultrassensual *Mary* – com a sua boca cruel, o cabelo louro e forte a chicotear, a promessa que a sua voz de contralto fazia de coito profissional pelo qual renunciaríamos a toda a dignidade, embora soubéssemos plenamente que não seríamos bem-sucedidos. A uma distância abissal de como terminou a vida, anos mais tarde, com uns balandraus largos e que lhe chegavam até

aos pés e irreconhecível. (Qual dos outros dois é que andou a mostrar a pila? Um deles mudou-se para o Maine.) «... *but the fruit of the poor lemun is im-poss-i-bul to eat...*»

– Baixa o som a qualquer coisa, Arnie – disse eu, através da barulheira que se ouvia no lugar, fosse ele qual fosse, onde Arnie se encontrava, neste mundo. – Não consigo ouvir-te.

– Ah, sim. Está bem. – Um som de uivo produzido pelo vento enquanto o vidro fechava automaticamente. A pobre Mary ficou tão silenciosa como a pedra sob a qual está enterrada.

A ligação ficou mais nítida e depois desapareceu durante um longo momento. Já não falo assim tanto com as pessoas ao telefone.

– Porque é que todos os meteorologistas querem um dia de sol, porra? – perguntou Arnie, agora com o telefone já afastado. Tinha-me posto em *alta-voz* e parecia estar a falar-me do passado.

– Está inscrito no ADN deles – retorqui, da janela da frente.

– Sim, sim. – Arnie deu um grande suspiro ruidoso. Podia ouvir-se o silvo dos carros que o ultrapassavam, lá onde se encontrava.

– Onde *estás*, Arnie?

– Encostei na maldita Garden State, perto de Cheesequake. Vou em direção a Sea-Cliff, ou ao que restou dela, porra.

– Estou a ver – retruquei. – Como *está* a tua casa?

– *Estás* a ver, Frank? Bem, fico contente por veres, porra.

Nos dias de prosperidade da agora rebentada bolha imobiliária, vendi a Arnie não só *uma* casa, como a *minha* casa. Em Sea-Cliff. Uma casa de praia alta, de vidro e madeira, desenhada por um arquiteto, mesmo em frente ao que parecia ser um mar ameno e resplandecente. O sonho de qualquer pessoa, como segunda residência. Fiz de maneira que Arnie arrotasse com umas massas jeitosas (dois-ponto-oito, sem «comissão» numa venda pessoal). Sally e eu tínhamos decidido mudar-nos para o interior. Eu estava determinado a deixar os negócios. Foi há oito anos, feitos neste outono – duas semanas antes do Natal, como agora.

Em minha defesa posso dizer que telefonara várias vezes para a residência principal de Arnie, em Hopatcong, para saber como é que a sua/minha casa de praia aguentara o temporal. Telefonara a diversos clientes antigos, incluindo o meu antigo sócio na

imobiliária. Todas as notícias que me deram foram más, más, más. Em Haddam, Sally e eu perdemos apenas dois carvalhos novos (um já estava morto), metade do telhado da cabana onde ela põe as plantas nos vasos e o meu carro ficou com o para-brisas partido. «Um grande nada», como a minha mãe costumava dizer, antes de fazer um som *pppfff*, que parecia um traque, com os lábios e dar uma sonora gargalhada.

– Liguei-te pelo menos três vezes, Arnie – disse, tendo aquela sensação coagulante e vertiginosa de estar a mentir... embora não estivesse, pelo menos em relação a isto.

O tipo da Elizabethtown acenou-me com o polegar para cima, enquanto se dirigia para a furgoneta. O nosso gasto de água em novembro – não havia problemas.

– Isso é o mesmo que telefonares a um cadáver para dizer que lamentas muito a sua morte. – Pelo altifalante, a voz de Arnie subia e descia, vinda de Cheesequake. – Que ias sugerir, Frank? Levar-me a almoçar? Comprar-me a tua casa? Porra, já não resta nenhuma casa lá em baixo, meu estúpido.

Não tinha uma resposta. Os gestos normais de amabilidade, comiseração, simpatia, dor partilhada e empatia são, todos eles, débeis aliados na luta contra a verdadeira perda. Só quisera saber que não acontecera o pior – o que, via, não era verdade. Todavia, em Sea-Cliff desembarcara o grande sopro, como em Dunquerque, sem a menor hipótese de fugir a uma bala.

– Não estou a culpar-te, Frank. Não é para isso que estou aqui a falar pelo tubo. – Tal como eu, Arnie Urquhart é um antigo desportista dos Michigan Wolverines. Os finalistas de 68. Hóquei. Finalista das Rhodes Scholarships. Lambda Chi. Condecorado com a Navy Cross. Todos nós falávamos assim, nesse tempo alegre e agitado. O tubo. A cagadeira. A máquina Z. Os copos. A peida. Os pretos. Os chinocas. As mamas... espanta-me como é que deixaram que qualquer de nós tivesse um emprego. Arnie é proprietário e gerente – ou foi – de uma loja de mariscos destinada a gente rica, no Norte de Jersey, e ganhou um balúrdio a vender ovas de sável, caviar iraniano e acepipes importados do mar Negro que a FDA ignora – tudo isso entregue em carrinhas de caixa branca, descaracterizadas – a executivos da

Schlumberger para festas de que ninguém ouve falar, nem sequer o Presidente Obama, que não seria convidado, uma vez que, segundo o refinado ponto de vista dos ricos republicanos, as tripas e o bucho de porco não fariam parte do menu.

– Que posso fazer por ti, Arnie? – Estava a ver a furgoneta da Elizabethtown a descer a Wilson Lane. O primeiro alvo alternativo quando a venda de uma casa azeda, não importa quando, é quase sempre o agente imobiliário, cujas intenções são quase sempre boas.

– Estou a ir para lá, Frank. Um italiano merdoso ligou para minha casa. Quer comprar o terreno e a casa ... isto é, o que resta dela... por quinhentos mil. Preciso de conselhos. Podes dar-me alguns? – Mais carros a silvar.

– Não estou a seguir nenhum dos meus, Arnie – respondi. – Como é a situação lá em baixo?

É claro que sabia qual era. Todos tínhamos visto o que se passara, na CNN, e depois víramos e víramos e víramos, até já não nos importarmos. Nagasáqui-junto-ao-mar – com os Giants e os Falcons tentando-nos a apenas um clique de distância, noutra canal.

– Vais divertir-te à brava a fazê-lo, Frank – disse Arnie, incorporado no seu carro. – Onde é que vives agora?

– Em Haddam. – Sally aparecera à porta, vinda da cozinha, com a roupa que usava para fazer ioga, levando uma caneca de chá aos lábios, soprando o vapor e olhando-me como se tivesse ouvido algo que a incomodasse e eu devesse talvez desligar.

Um toque forte da buzina de um camião quebrou o silêncio do local onde Arnie se encontrava.

– Anormal – gritou. – Haddam. Muito bem. Um lugar agradável. Ou foi, outrora. – Arnie bateu com algo no altifalante. – A minha casa... a tua casa... está agora sessenta metros mais para o interior, Frank. De lado... se tivesse um lado. Os vizinhos estão todos em pior situação. Os Farlow tentaram aguentar a tempestade até ao fim na sua sala segura. Estão nas últimas. Os Snediker decidiram fugir, no último momento. Acabaram na baía. A Barbie e eu estávamos no lago Sunapee, em casa do meu filho. Vimos pela televisão. Vi a minha casa na televisão antes de a ter visto pessoalmente.

– Acho que isso é uma boa notícia.